

INTRODUÇÃO AO DOSSIÊ TEMÁTICO

MULHERES CRISTÃS CONTEMPORÂNEAS: MÚLTIPLAS FORMAS DE CONSERVADORISMO E RESISTÊNCIA¹

*Ana Carolina Marsicano*²

*Nina Rosas*³

A apresentação de um dossiê temático constitui sempre um exercício delicado de síntese, interpretação e posicionamento no interior de um campo de estudos. Mais do que introduzir os artigos que o compõem, trata-se de oferecer uma chave de leitura que evidencie suas convergências, tensões e lacunas, situando-os em relação às dinâmicas mais amplas da produção acadêmica contemporânea. Nesse sentido, o presente dossiê, publicado na *Debates do NER*, insere-se em um momento particularmente fecundo, e também desafiador, para os estudos sobre religião, gênero e política, especialmente no contexto brasileiro e latino-americano. Os artigos aqui reunidos demonstram coesão analítica no que se refere às investigações sobre feminilidades cristãs, antifeminismos e conservadorismos religiosos. Trata-se de um conjunto que evidencia o amadurecimento de uma agenda de pesquisa consolidada nas últimas décadas, marcada por crescente sofisticação teórica e metodológica na análise das direitas religiosas, dos discursos

¹ Como citar: MARSICANO, Ana Carolina; ROSAS, Nina. Introdução ao dossiê. Mulheres cristãs contemporâneas: múltiplas formas de conservadorismo e resistência. *Debates do NER*, Porto Alegre, ano 26, n. 47, e155149, 2026.

² Doutora em Sociologia pela Universidade Federal de Pernambuco e Pesquisadora do Laboratório de Estudos de Religião e Política (FUNDAJ/UFPE) da mesma universidade, Brasil. E-mail: carolmarsicano@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4372-7192>.

³ Doutora em Sociologia pela Universidade Federal de Minas Gerais e Professora Adjunta do Departamento de Sociologia pela mesma universidade, Brasil. E-mail: rosasnina@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4133-187X>.

antigênero e das formas contemporâneas de engajamento feminino em projetos conservadores.

Nesse processo, pesquisas recentes têm contribuído para deslocar o foco analítico das formas tradicionais de autoridade religiosa para dimensões ainda pouco exploradas. No campo do catolicismo, estudos indicam que atores leigos situados na interseção entre religião, política, direito e saúde desempenham papel estratégico na capilarização, legitimação e operacionalização das agendas antigênero (Marsicano, 2024; Marsicano; Tesser, 2024). Longe de constituírem suportes periféricos das hierarquias religiosas, esses especialistas multi posicionados atuam como mediadores qualificados, traduzindo princípios morais em linguagens seculares e ampliando o alcance institucional e social do ativismo conservador. Apesar de sua centralidade empírica, essas redes permanecem relativamente sub-exploradas na literatura, especialmente no que diz respeito às suas dinâmicas de articulação e circulação em ambientes digitais, o que reforça a relevância de investigações que integrem dimensões ativistas, infraestruturais e tecnológicas na compreensão do fenômeno.

Ao mesmo tempo, o dossiê evidencia assimetrias internas que refletem não apenas dinâmicas analíticas, mas também hierarquias de interesse e investimento no próprio campo, com maior consistência teórica e densidade interpretativa no polo dos “conservadorismos” do que naquele das “resistências” e dos “agenciamentos”. Se, em momentos anteriores, as pesquisas privilegiaram experiências progressistas no catolicismo, como a Teologia da Libertação (Gutiérrez, 1971; Löwy, 1996; Smith, 1991), o cenário contemporâneo revela um deslocamento significativo, no qual o foco passa a incidir sobre as disputas internas pela definição de um catolicismo “autêntico”, ancorado na doutrina e na tradição, frequentemente mobilizadas como instrumentos de regulação moral e exclusão.

Esse movimento não deve ser lido como mera reorientação temática, mas como sintoma de transformações mais amplas no campo religioso e político. Ele expressa, por um lado, a capacidade das direitas religiosas de impor suas agendas como objetos centrais de investigação e, por outro, as

dificuldades persistentes em produzir enquadramentos analíticos igualmente robustos para as experiências de resistência. No campo feminista da religião, especialmente no Brasil, observa-se uma inflexão que desloca o olhar de abordagens centradas no âmbito privado, em experiências emancipatórias e teologias feministas (Couto, 2002), para investigações voltadas à atuação de mulheres na esfera pública e às formas de produção, circulação e institucionalização de discursos conservadores (Rosas, 2025b). Tal inflexão responde ao avanço das direitas religiosas e sua articulação com a extrema direita (Almeida, 2020; Mariano, 2022), à centralidade das agendas antigênero (Biroli, Vaggione e Machado, 2020; Rosas, 2024) e à crescente visibilidade de mulheres como protagonistas desses projetos (Rosas, 2025a; Martinez e Rosas, 2025).

É nesse contexto que o primeiro artigo do dossiê, *Ativismo antifeminista de influencers cristãs e a teologia da complementariedade*, de Brenda Carranza e Tabata Tesser, se destaca por sua densidade analítica e pela relevância empírica de seu objeto. Ao investigar a emergência de uma militância teológica antifeminista articulada em ambientes digitais, o texto oferece uma cartografia detalhada das continuidades e adaptações do discurso católico conservador no Brasil contemporâneo. A articulação entre a doutrina da complementaridade (perspectiva teológica segundo a qual homens e mulheres possuem naturezas e papéis distintos, considerados complementares e hierarquicamente ordenados), a teologia do corpo e o *Lexicon*, referência central da moral sexual católica, é analisada em diálogo com estratégias digitais que ampliam o alcance e a eficácia desses discursos. A hipótese de que campanhas antigênero promovidas pelo Vaticano são atualizadas por influenciadoras católicas contemporâneas, encontrando ressonância em grupos evangélicos, revela a existência de uma gramática comum que atravessa diferentes tradições cristãs. Essa convergência sustenta a disseminação de um ideal ultrafeminino centrado na submissão, na ordem e no “propósito divino”, ao mesmo tempo em que se adapta às linguagens e dinâmicas das plataformas digitais. Ao mapear semanticamente os discursos antifeministas,

o artigo não apenas descreve um fenômeno, mas oferece instrumentos para compreendê-lo em sua complexidade e mutabilidade.

Em diálogo com esse eixo, o texto *Atualizações do antifeminismo cristão do Brasil: práticas pedagógicas de Pietra Bertolazzi e Ana Caroline Campagnolo*, das organizadoras do dossiê, Ana Carolina Marsicano e Nina Rosas, aprofunda a análise das redes de disseminação do antifeminismo cristão a partir de dois estudos de caso. Ao focar em figuras públicas com forte atuação nas redes sociais, o artigo evidencia como práticas pedagógicas, entendidas como aparatos instrutivos e/ou de sensibilização, tornam-se centrais na formação de subjetividades e na disputa por sentidos em torno da feminilidade e da masculinidade. A análise dos discursos de Pietra Bertolazzi e Ana Caroline Campagnolo revela estratégias sofisticadas de produção de conhecimento, circulação de ideias e mobilização política. A oferta de cursos, clubes de leitura, materiais bibliográficos e conteúdos digitais configura um ecossistema pedagógico que vai muito além da simples difusão de opiniões. Trata-se de vias concretas de formação que buscam produzir sujeitos engajados, capazes de atuar nas esferas da mídia, da política e da academia.

No campo das análises sobre antifeminismo evangélico, além do caso de Campagnolo, o artigo *Antifeminismos cristãos e produção de subjetividades: pós-feminismo, autoajuda e moral religiosa no Godllywood Brasil*, de Monise Martinez, apresenta uma integração teórica robusta. Ao articular literatura sobre pós-feminismo, cultura de autoajuda e backlash, o estudo oferece uma leitura sofisticada do Godllywood como um projeto que mobiliza repertórios contemporâneos para promover um ideal específico de feminilidade cristã. A análise dos discursos produzidos por lideranças do movimento, especialmente em livros e redes sociais, revela como o antifeminismo pode se apresentar não como negação, mas como reconfiguração do feminismo. Ao incorporar elementos de autonomia, autoconhecimento e empoderamento, típicos do discurso pós-feminista, o Godllywood ainda assim constrói uma subjetividade feminina alinhada a um projeto moral conservador. Essa ambivalência é central para compreender a eficácia desses discursos, que operam simultaneamente em registros de tradição e modernidade. Ao expandir o

debate sobre antifeminismo para além da esfera pública e institucional, o artigo também abre caminhos para investigações sobre cultura política, consumo religioso e produção de subjetividades.

Ainda no eixo dos conservadorismos, o artigo “*Não quero parecer crente*”: *corpo, estética e distinção na prática da modéstia católica no vestir*, de Jaqueline Sant’Ana, destaca-se pela originalidade da abordagem e pela qualidade da etnografia. Ao investigar práticas de modéstia no vestir a partir de conteúdos produzidos por mulheres católicas na internet, o estudo oferece uma análise refinada das relações entre corpo, estética e moralidade. Um dos principais aportes do artigo é demonstrar que a modéstia não se reduz a um conjunto de regras ou prescrições, mas constitui um campo de disputas simbólicas no qual se articulam distinções sociais, religiosas e morais. A construção de um modelo ideal de “mulher modesta” envolve não apenas referências teológicas, mas também técnicas corporais, estilos de vestimenta e formas de apresentação de si que produzem fronteiras entre diferentes grupos religiosos. A atenção aos marcadores de classe e raça, ainda que não estruturante, representa um avanço importante em direção a uma abordagem mais interseccional. Ao evidenciar como essas dimensões atravessam as práticas de modéstia, o artigo aponta para a necessidade de aprofundar análises que considerem a complexidade das feminilidades cristãs em contextos marcados por desigualdades sociais.

Diferentemente dos artigos sobre conservadorismos, os dois textos que abordam experiências progressistas e de resistência são diversos em termos teórico-metodológicos e destacam-se sobretudo pela envergadura empírica. O “*Nós também somos Igreja*”: *feminilidades e disputas por autoridade no ativismo cristão feminista*, de Maria Eduarda Antonino, oferece uma contribuição relevante ao dar visibilidade a trajetórias de mulheres que articulam fé e feminismo em suas práticas cotidianas. A partir de dados oriundos de pesquisa de doutorado, o texto analisa como essas mulheres constroem suas feminilidades em diálogo com experiências de maternidade, cuidado, corpo e sexualidade. A frase “sou cristã, por isso sou feminista” funciona como eixo articulador de narrativas que desafiam a oposição entre religião e

emancipação. De modo semelhante, o artigo *Entre o altar e a luta: feminismo, teologia e ruptura com o fundamentalismo no Distrito Federal*, de Camila Galetti e Tânia Mara Campos de Almeida, apresenta uma investigação consistente ao analisar uma igreja antifundamentalista como espaço de resistência espiritual e política. A combinação de análise de redes sociais e observação in loco permite captar as dinâmicas internas da comunidade, bem como as tensões enfrentadas pelos dirigentes. A ênfase nas experiências de mulheres lésbicas em posição de liderança eclesial constitui um aporte importante, especialmente no que se refere à ampliação do escopo das análises sobre feminilidades cristãs.

Nesse sentido, o dossiê como um todo oferece não apenas um vislumbre qualificado sobre a agenda de pesquisa envolvendo mulheres cristãs na contemporaneidade, mas também indica direções futuras. A expressiva presença de trabalhos dedicados ao antifeminismo e aos conservadorismos religiosos responde a uma demanda incontornável: a necessidade de compreender fenômenos que incidem profundamente sobre a vida social, cultural e política contemporânea. Em um cenário atravessado pelo avanço de agendas antigênero, pela crescente politização da religião e pela centralidade das plataformas digitais na produção e circulação de discursos, torna-se imprescindível investigar com rigor as formas pelas quais feminilidades conservadoras são produzidas, legitimadas, difundidas e reiteradas. Igualmente importante é reconhecer que, mesmo quando se reitera o status quo, há algum grau de reinvenção e (re)articulação, tanto em termos teológico-doutrinários quanto na dimensão prática. De modo não menos relevante, a subversão da ordem, mediante questionamento ou sob a alcunha das relações de poder vigentes, precisa permanecer no horizonte das pesquisas, assim como aparece no cotidiano de diversas/os fiéis. Trata-se de um eixo no qual devem ser feitas novas investidas de pesquisa.

Ao reunir trabalhos que compartilham o compromisso de analisar criticamente as complexas articulações entre fé, política e feminilidade, este dossiê oferece ferramentas analíticas fundamentais para a compreensão de

dinâmicas centrais do presente, reafirmando-se como um espaço fértil e aberto para a contínua reflexão.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Ronaldo de. Evangélicos à direita. *Horizontes Antropológicos*, n. 58, p. 419-436, 2020.
- ANTONINO, Maria Eduarda. “Nós também somos igreja”: feminilidades e disputas por autoridade no ativismo cristão feminista. *Debates do NER*, Porto Alegre, ano 26, n. 47, e150464, 2026
- BIROLI, Flávia; VAGGIONE, Juan Marco; MACHADO, Maria das Dores Campos (Org.). *Gênero, neoconservadorismo e democracia: disputas e retrocessos na América Latina*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2020.
- CARRANZA, Brenda; TESSER, Tabata. Ativismo antifeminista de influencers cristãs e a teologia da complementaridade. *Debates do NER*, Porto Alegre, ano 26, n. 47, e150464, 2026.
- COLLINS, Patricia Hill; BILGE, Sirma. *Interseccionalidade*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2021.
- COUTO, Maria Thereza. Na trilha do gênero: pentecostalismo e CEBs. *Revista de Estudos Feministas*, n. 10, 2002b.
- GALETTI, Camila; ALMEIDA, Tânia Mara Campos de. Entre o altar e a luta: feminismo, teologia e ruptura com o fundamentalismo no distrito federal. *Debates do NER*, Porto Alegre, ano 26, n.47, e150045, 2026
- GUTIÉRREZ, Gustavo. *Teología de la liberación: perspectivas*. Lima: Centro de Estudios y Publicaciones, 1971.
- LÖWY, Michael. *The war of gods: religion and politics in Latin America*. London: Verso, 1996.

MARIANO, Ricardo. Ativismo político de evangélicos conservadores rumo à extrema-direita. In: INÁCIO, Magna; OLIVEIRA, Vanessa Elias de. (Org.). *Democracia e eleições no Brasil: para onde vamos?* Hucitec, p. 219-236, 2022.

MARSICANO, Ana Carolina. *Os leigos cristianizam o mundo: católicos e política antigênero no Governo Federal (2019–2022)*. 2024. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2024.

MARSICANO, Ana Carolina. TESSER, Tabata. *Cartografia dos catolicismos jurídicos antigênero*. [livro eletrônico]. Rio de Janeiro, RJ: Instituto de Estudos da Religião, 2024.

MARSICANO, Ana Carolina; ROSAS, Nina. Atualizações do antifeminismo cristão no Brasil: práticas pedagógicas de Pietra Bertolazzi e Ana Caroline Campagnolo. *Debates do NER*, Porto Alegre, ano 26, n. 47, e150462, 2026.

MARTINEZ, Monise; ROSAS, Nina. Religious Postfeminist Pedagogies: Ambivalent Practices and Discourses among Brazilian Evangelical Women. In: VIEIRA, Cristina; OSTROUCH-KAMIŃSKA; JOANNA (Orgs.). *Gender and Adult Education Research in the Face of Social and Cultural Changes*. Leiden: Brill, p. 51-66, 2025.

MARTINEZ, Monise. Antifeminismos cristãos e produção de subjetividades: pós-feminismo, autoajuda e moral religiosa no Godllywood Brasil. *Debates do NER*, Porto Alegre, ano 26, n. 47, e149981, 2026.

SMITH, Christian. *The emergence of liberation theology: radical religion and social movement theory*. Chicago: University of Chicago Press, 1991.

ROSAS, Nina. Empoderadas, protegidas da violência e com a terapia em dia: psicologização da religião e reconfigurações do jeito de ser mulher evangélica. *Religião & Sociedade*, v. 45, n. 2, p. e450207, 2025a.

ROSAS, Nina. Evangélicos e Gênero no Brasil: uma revisão da produção socioantropológica. *Sociedade e Estado*, v. 40, n. 3, p. e58756, 2025b.

ROSAS, Nina. Religião, mídia e política: o ativismo antigênero de André Valadão e uma gramática em disputa. *Ciencias Sociales y Religión*, v. 26, p. e024013-e024013, 2024.

Recebido em: 23/04/2026

Aprovado em: 27/04/2026